

GERAL

SOCIEDADE

SP tem 8,4 milhões abaixo da linha da pobreza

Situação em outros Estados é pior, segundo levantamento feito pelo Ipea

MIRIAM FIUZA DE MELO

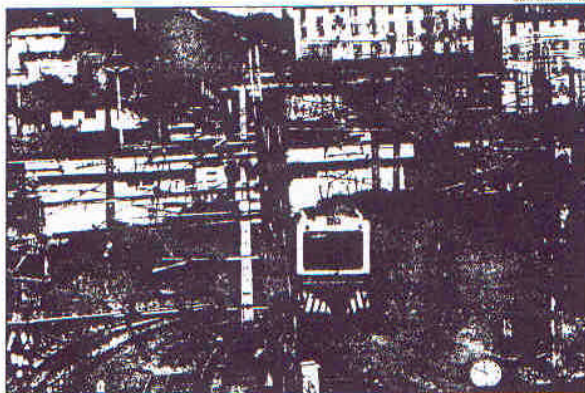
RIO — Um em cada quatro habitantes do Estado de São Paulo é pobre, e um em cada dez é indigente. Mesmo assim, a situação de renda da população paulista é melhor que há alguns anos e o Estado ainda é o que tem menor proporção de pobres em todo o País.

Essas são as conclusões de um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), a partir da análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativa aos anos de 1996 e de 1997. O nível de indigência é definido com base no consumo calórico recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e seu custo monetário. Na linha da pobreza são considerados também gastos com transporte, habitação e serviços públicos.

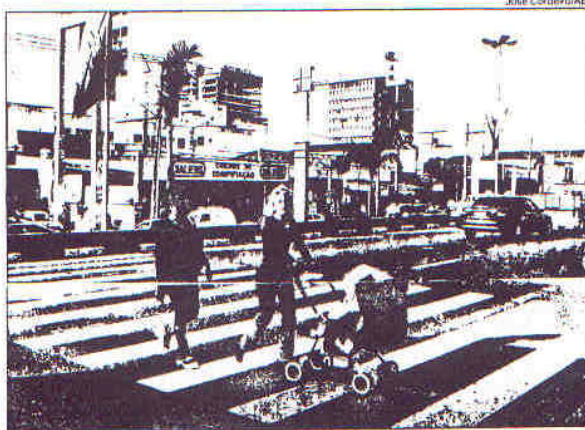
Apesar da economia ter piorado desde então, podemos afirmar com certeza que essa situação de pobreza não se alterou", afirma Marcelo Neri, economista do Ipea e coordenador do IETS.

Segundo o trabalho, São Paulo tem hoje quase 8,4 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza — com renda per capita mensal de até R\$ 149. Desse, 3,4 milhões são indigentes, ou seja, ganham menos de R\$ 73. Os valores salariais são referentes a junho de 1999 e refletem os índices usados pela OMS para quantificar a miséria. Segundo esses dados, 24,5% dos 34,6 milhões de habitantes de São Paulo são pobres. A situação, no entanto, já foi pior. Nas PNADs de 1992 e 1993, os percentuais foram de 41,2% em relação a 32,4 milhões de pessoas.

Rio e Minas — Os mapas da pobreza do Rio e de Minas Gerais traçados pelo Ipea/IETS mostram resultados piores. Dos 13,5 milhões de fluminenses, 35% viviam abaixo da linha da pobreza há dois anos. Em Minas, os pobres eram 51% de seus 16,8 milhões habitantes. Segundo o estudo, 54% dos brasileiros ganham menos de R\$ 149. A renda domiciliar per ca-



Acima, vista da Cohab de Itapevi, a partir da estação de trem. Abaixo, a Avenida Goiás, em São Caetano do Sul. Os dois municípios representam o contraste da pior e da melhor cidade da Grande São Paulo, respectivamente, segundo levantamento realizado pelo Ipea



JOÃO CORREIA/RE

pita nacional é de R\$ 240.

Segundo Neri, a urbanização foi um dos principais fatores para a redução da pobreza em São Paulo. "A proporção de pobres é maior nas regiões rurais e São Paulo tem pouca gente nessas áreas". Na zona rural, com população abaixo de 20 mil habitantes, e a chamada zona urbana pequena, entre 20 mil e 50 mil pessoas, concentram 26% dos pobres paulistas e só 15% dos habi-

tantes. Na capital moram 20% dos pobres do Estado, enquanto na periferia da região metropolitana, 24%. Na Grande São Pau-

lo, estão as cidades com a melhor e a pior situação do Estado: São Caetano e Itapevi, respectivamente.

RANKING DA POBREZA

OS PIORES			
Município	População	Renda em R\$	Pobres
Itapevi	178,9 mil	177,1	52,47%
Itaquaquecetuba	272,8 mil	187,9	46,90%
Suzano	178,4 mil	316,4	33,15%
Barueri	244,5 mil	266,9	32,28%
Ferraz de Vasconcelos	124,4 mil	232,0	31,05%
Embu	178,2 mil	235,9	31,03%

OS MELHORES			
Município	População	Renda em R\$	Pobres
São Caetano do Sul	140,9 mil	772,9	9,26%
Santos	403,2 mil	710,1	10,61%
Jundiaí	322,5 mil	462,9	11,80%
Santa André	683,0 mil	476,1	11,89%
São Carlos	144,8 mil	388,9	12,08%
Sorocaba	455,5 mil	425,8	15,13%

*Domicílio Per Capite
Fonte: IPEA

possível vender. Fitos de vídeo são vendidas a R\$ 3, videogames a R\$ 15, relógios (sem bateria) a R\$ 10 e bicicleta a R\$ 80. Podem encontrar-se ainda pedaços de cano hidráulico e restos de chuveiro elétrico.

Méda — Para descrever o "ciclado típico" de São Caetano, o economista Haroldo Tavares, consultor da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Sead), recorre ao estereótipo da classe média próspera, que frequenta shopping center. Os chefes de família têm curso superior ou médio e um bom emprego. São Caetano é a única cidade do ABC em que o Partido dos Trabalhadores (PT) nunca

venceu uma eleição. "É uma sociedade mais conservadora".

Em São Caetano quase não há crianças fora da escola, ruas sem asfalto ou casas sem água encanada. Tavares conta que parte dessa estrutura começou a ser construída em 1970, quando a prefeitura construiu escolas e postos de saúde em praticamente todos os bairros. Hoje, São Caetano tem até universidade municipal. Preocupada, a população local assiste à chegada dos primeiros pedintes nas esquinas e faróis de trânsito.

Em Itapevi, boa parte da população é composta por pedintes. "Recebemos centenas de migrantes sem qualificação que vem de chegada de tudo o

Custo da miséria paulista equivale a 17% do orçamento mensal de 99

Para erradicar pobreza, seria preciso investir R\$ 512 milhões por mês na área social

Para erradicar a pobreza no Estado de São Paulo, o governador Mário Covas (PSDB) teria de investir R\$ 512 milhões por mês em políticas sociais compensatórias, como projetos de renda mínima. O valor representaria uma transferência mensal de renda de R\$ 60,2 em média, para cada um dos 8,4 milhões de pobres. O custo da miséria paulista corresponde a 17% do orçamento mensal de R\$ 3,03 bilhões previsto para 1999, aprovado pela Assembleia Legislativa em 98.

"Não dá para calcular por quanto tempo o Estado precisaria fazer esses repasses; dependeria dos investimentos públicos nas áreas de saúde, educação e saneamento", explica o economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Marcelo Neri, um dos coordenadores do levantamento que traçou o mapa da pobreza paulista.

Para realizar esse cálculo, Neri utilizou dois dos três indicadores do Banco Mundial para quantificar a pobreza, chamados P0 e P1.

O P0 mede a proporção de pessoas abaixo da linha da pobreza. Nesse caso, todos os pobres e indigentes têm pesos idênticos. Já o P1, conhecido como "hiato da pobreza", consegue distinguir o pobre do indigente.

O economista dá um exemplo de uma sociedade composta por quatro pessoas: A, que ganha R\$ 500; B, R\$ 140; C, R\$ 120; e D, R\$ 12. "Se utilizarmos uma linha de pobreza de R\$ 132 (valor de setembro de 1996, quando foi realizada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, do IBGE), usamos no estudo do Ipea, apenas os indivíduos C e D estariam abaixo dela, o que significaria uma proporção de 50% de pobres (P0)", explica.

Cálculo — A distância média em relação à linha de pobreza (P1) corresponde a 25%. Em outras palavras: do total de R\$ 132, a transferência mensal de

renda corresponderia a R\$ 33 por pessoa. No exemplo, os indivíduos C e D precisam, respectivamente, de R\$ 12 e R\$ 120 para que possam sair da linha de pobreza. "A vantagem da proporção de pobres (P0) é obviamente a sua simplicidade", diz Neri. "Por outro lado, P1 não dá diretamente o custo do melhor programa de combater à pobreza a ser implementado."

No caso de São Paulo, a proporção de pobres (P0) corresponde a 24,5%. Isso representa de 34,6 milhões de habitantes — 8,4 milhões de pessoas, em números absolutos. A distância média em relação à linha de pobreza (P1) em São Paulo é de 9,85%.

Custo — Dividindo o salário-limite de R\$ 149 (R\$ 132 reajustado a valores de junho desse ano) por 9,85% chega-se ao valor de R\$ 14,8, o custo médio que cada paulista precisaria pagar para erradicar a pobreza no Estado. Multiplicando esse valor pela população do Estado são obtidos os R\$ 512 milhões mensais necessários para medidas de combate à miséria.

A transferência mensal de R\$ 60,2 para cada pobre paulista é calculada pela divisão dos R\$ 512 milhões pelos 8,4 milhões de pobres paulistas.

Entre setembro de 1996 e de 1997, período em que foi realizada a PNAD, o País ainda estava em recessão, com os juros da taxa de

estabilidade econômica, trazidos pelo Plano Real, antes das crises asiática e russa. Segundo o Ipea, o índice de aprovação do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso oscilava em torno de 60% e a renda domiciliar per capita crescia 5,4% ao ano. A proporção de pobres até 1997 caiu de 34,4% para 25,5%, com mais pessoas superando a linha de pobreza.

Hoje, o País vive uma realidade mais dura. As crises asiática e russa afetaram a economia nacional a partir de outubro de 97. Em 13 de janeiro de 1999 o brasileiro amanhueceu com a moeda valendo menos. A desvalorização cambial afetou as taxas inflacionárias e o desemprego aumentou ainda mais. (M.F.M.)

SAÚDE E EDUCAÇÃO REDUZIRIAM O PROBLEMA

São Caetano do Sul e Itapevi retratam contrastes do Estado

Município mais rico é forte em serviços, enquanto mais pobre é cidade-dormitório

GABRIELA ATIAS

ITAPEVI — A partir do esvaziamento industrial das regiões metropolitanas, a cidade de São Caetano do Sul, na região do ABC, — a mais rica de São Paulo, segundo a pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) — deixou de ser um pólo fabril para consolidar-se como centro de referência na área de serviços. Foi uma boa virada: hoje a maioria das famílias tem renda de R\$ 772,18 mensais e menos de 10% vivem abaixo da linha da pobreza.

A menos de 100 quilômetros desse pólo de prosperidade encontra-se Itapevi, apontada na pesquisa como a mais pobre do Estado, com 52,47% das pessoas vivendo com renda familiar mensal de R\$ 177,1. Trata-se de uma cidade dormitório de São Paulo, com concentração de trabalhadores sem

qualificação — um dos segmentos do mercado de trabalho onde o desemprego avançou de forma mais aguda. Muitos dos que conseguem manter-se empregados enfrentam pelo menos cinco horas diárias de viagem para ir e voltar do trabalho, em São Paulo.

Itapevi sofre de inchaço populacional crônico. No fim da década de 70, apenas um conjunto habitacional construído pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab) levou para a cidade 30 mil pessoas. Na época, a população de Itapevi era de 27 mil.

Esse processo não parou mais. Entre 1991 e 1996 a população cresceu 4% ao ano, enquanto São Caetano apresentou crescimento negativo: -1% no período.

Itapevi sedia a maior e mais famosa feira de trocas da região, a "feira do rolo". Nesse mercado, diariamente, desempregados das redondezas reúnem-se para resuscitar a mediana prática do escambo, trocando objetos usados. Nos finais de semana, o número de "mercadores" pode chegar às centenas. Na "feira do rolo" também é

CHEFES DE FAMÍLIA TÊM CURSO SUPERIOR

BOA PARTE DA POPULAÇÃO É DE PEDINTES

Tanto que o IDH de Itapevi (que tem como um dos indicadores mortalidade infantil) é muito próximo ao da média nacional, 0,74. Com isso, diz Tavares, as crianças de Itapevi, apesar da baixa renda familiar, têm mais chances de sobreviver ao primeiro ano de vida do que as moradoras da periferia do Norte ou do Nordeste.

País, especialmente do Nordeste", diz o prefeito Sérgio Montanheiro (PSDB), que abriu uma frente de trabalho para desempregados maiores de 30 anos e que residam há mais de três anos na cidade. A procura pelos R\$ 150 mensais foi tanta que a solução foi dar prioridade aos chefes de família com 4 filhos, no mínimo.

Emprego — As faixas estendidas na praça municipal saúdam as novas empresas que se instalam na região, dão uma ideia do que poderá ser a "salvação" de Itapevi: emprego. No pacote para atrair empresários constam incentivos fiscais e oferta de mão-de-obra farta e barata. Lá no "rolo", os vendedores de

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), indicador criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para medir qualidade de vida, em São Caetano é de 0,82 — o município com maior índice nacional. Feliz, em Porto Alegre, tem 0,84. Enquanto isso, em Itapevi, o IDH é de 0,68.

Nordeste — Tavares, da Sead, chama a atenção para o fenômeno das "hiperperiferias" (a periferia da periferia das grandes cidades). Ele constata que nesses lugares, a exemplo de Itapevi, é possível encontrar indicadores de renda familiar semelhantes aos de muitos municípios de regiões pobres como o Nordeste. A diferença fundamental, diz ele, é que em São Paulo é um Estado rico, tem condições de oferecer serviços — como água e esgoto — que mudam drasticamente a expectativa de vida dessas populações.